

HISTÓRIA, TEMPO E POLÍTICA NA LONGA DURAÇÃO: Considerações Críticas ao Redor de *Escritos Sobre a História e Gramática das Civilizações*, de Fernand Braudel

Guilherme Ribeiro *

Resumo: ao redor da coletânea *Escritos sobre a história* (1969) e do livro *Gramática das Civilizações* (1963), o objetivo deste artigo é fazer vir à tona a concepção de História de Fernand Braudel (1902-1985), problematizando a dimensão política de seu projeto historiográfico baseado no conceito de longa duração (*longue durée*).

Palavras-chave: historiografia; tempo; política; longa duração; Fernand Braudel

HISTORY, TIME AND POLITICS IN THE *LONGUE DURÉE*: FERNAND BRAUDEL'S CRITICAL CONSIDERATIONS AROUND *ÉCRITS SUR L'HISTOIRE AND GRAMMAIRES DES CIVILISATIONS*

Abstract: the goal of this article is to unveil the idea of History presented in the works of Fernand Braudel (1902-1985) and to investigate the political dimension of his historiography project using the concept of long run (*longue durée*). To achieve this goal the titles *Escritos sobre a história* (1969) and *Gramática das Civilizações* (1963) are reviewed.

Keywords: historiography; time; politics; long run; Fernand Braudel

L'HISTOIRE, LE TEMPS ET LA POLITIQUE DANS LA *LONGUE DURÉE*: CONSIDERATIONS CRITIQUES AUTOUR D'*ÉCRITS SUR L'HISTOIRE ET GRAMMAIRE DES CIVILISATIONS*

Résumé: autour des ouvrages *Écrits sur l'histoire* (1969) et *Grammaires des Civilisations* (1963), cet article veut souligner le concept d'histoire développé par Fernand Braudel (1902-1985). Pour cela, il faut interroger la dimension politique de son projet historiographique fondé sur le concept de longue durée.

* Doutor em Geografia pela UFF, com estágio doutoral pela Universidade de Paris – Sorbonne (Paris IV). Pós-Doutor em Geografia pela UFMG. Professor Adjunto do Departamento de Geociências da UFRRJ. Coordenador do Laboratório de Política, Epistemologia e História da Geografia (LAPEHGE). Pesquisa apoiada pela CAPES. Agradeço a Paul Claval (Universidade de Paris - Sorbonne) pelos comentários sobre esse artigo. Email: geofilos@ig.com.br

Mots-clés: historiographie; temps; politique; longue durée; Fernand Braudel.

1. Introdução

De início, um esclarecimento metodológico: por quê reunir *Escritos sobre a história* (BRAUDEL, 2005 [1969]) e *Gramática das Civilizações*⁷ (BRAUDEL, 2004 [1963])? Porque eles representam momentos expressivos do pensamento braudeliano: o primeiro guarda uma natureza teórica substancial, reveladora de como nosso investigado apreendera a ciência histórica após sua experiência com os arquivos, os autores e a rede epistemológica geral que compuseram a elaboração de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*⁸ (BRAUDEL, 1949). Se lembrarmos que os três grandes livros de Braudel não contêm *explicitamente* grandes lições de método⁹ e que suas demais antologias não possuem, necessariamente, uma inclinação teórico-metodológica¹⁰, as obras acima são um ponto culminante em sua reflexão historiográfica. Por sua vez, *Gramática das Civilizações* merece consideração por ser um momento-chave em que Braudel, plenamente consciente de sua *démarche* historiográfica, examina temas como *economia, sociedade, geopolítica, religião, ciência, mentalidade, civilização*. Por estas razões, é um dos livros em que a história

⁷ A título de esclarecimento, *Gramática das Civilizações* é a parte que coube a Braudel em livro escrito também por S. Baille e R. Philippe como manual para as classes terminais. A obra intitulava-se *Le monde actuel. Histoire et civilisations* (1963).

⁸ Sobre as polêmicas historiográficas que o cercam, vide RIBEIRO, 2010.

⁹ Não será um dos motivos pelos quais ele é visto por alguns como um empirista? Todavia, tal avaliação não deixa de transparecer um desconhecimento da *totalidade* da obra de Braudel, conforme poderemos observar nas várias referências ao longo deste artigo.

¹⁰ O que não quer dizer que elas não possuem importância nesse domínio. Organizada por Roselyne de Ayala e Paule Braudel (viúva de Braudel), a coletânea póstuma *Les ambitions de l'histoire* pode muito bem ser considerado como uma reunião de trabalhos teóricos. Entretanto, das três partes que a compõem, a terceira refere-se a problemas de ordem prática sobre os três grandes livros e, dos nove textos da segunda parte, seis já haviam sido publicados em *Escritos sobre a história*. Sua grande relevância reside mesmo nos três artigos da primeira parte: *Trois définitions: l'événement, le hasard, le social*; *L'histoire à la recherche de monde*; e *Géohistoire: la société, l'espace et le temps*. Cf. BRAUDEL, 1997, 1997 [1941-1944], 1997a [1941-1944], 1997b [1941-1944]. Por sua vez, *Autour de la Méditerranée* (coletânea igualmente póstuma e também organizada por Ayala & Braudel) diz respeito não só a trabalhos empíricos, mas ao início da carreira de Braudel (período de aprendizagem, e não de idéias estabelecidas), enquanto *Reflexões sobre a História* — à exceção da seção *Escritos sobre o presente* — também é essencialmente empírico. Ver, respectivamente, BRAUDEL, 1996, 1992 [1990].

total apresenta-se no melhor de sua forma. Lendo-o, os pressupostos historiográficos desfilados em *Escritos sobre a História* surgem de forma meridiana, coerente, harmônica: a longa duração da vida das civilizações; o espraiamento do capitalismo em escala mundial; o papel da geografia nos diversos setores da atividade humana; a história como uma estrutura a pesar sobre povos e nações. Simplificando, as idéias forjadas em *Escritos sobre a história* serão trabalhadas e confrontadas com a empiria em *Gramática das Civilizações* que, por sua vez, é uma primeira aproximação para aquela que seria sua maior empreitada intelectual: os três volumes de *Civilização Material, Economia e Capitalismo: XV-XVIII* (BRAUDEL, 1996 [1967], 1996a [1979], 1996b [1979]).

2. Processo e tempo históricos: as contribuições de Fernand Braudel

Passemos à análise do que podemos identificar como *concepção braudeliana de História*. Sabe-se que Braudel traz consigo as noções teórico-metodológicas que haviam sido engendradas por Bloch e Febvre, tais como a crítica à Escola Metódica, a abordagem comparativa, a interdisciplinaridade, a pluralidade dos ritmos históricos, a articulação passado-presente e a ênfase na economia e na sociedade (BLOCH, 2001 [1949]; FEBVRE, 1992 [1965]). É uma herança da qual ele não abre mão e que faz questão de dizê-lo abertamente (BRAUDEL, 1992 [1990]). Todavia, Braudel não se satisfaz apenas em reproduzir o legado dos primeiros *Annales*. Suas experiências pessoais de “desterritorialização” no Brasil, na Argélia e no cativeiro alemão, juntamente com sua maneira particular de conceber a História, a Geografia, as Ciências Sociais e o desenvolvimento da dinâmica econômica moderna, farão com que ele enriqueça ainda mais a historiografia *annaliste*. Em relação a Bloch e a Febvre, Braudel vai além em, pelo menos, três aspectos: (i) a longa duração e a “dialética” dos tempos históricos; (ii) a dimensão espacial da história; e (iii) o estudo do capitalismo. Vejamos em que consiste a especificidade de sua reflexão.

Gramática das Civilizações é, digamos, uma obra híbrida no que se refere ao par presente-passado. Ou, o que é a mesma coisa, é um trabalho em que um historiador,

plenamente hábil no exercício de seu ofício, examina o passado com o olhar do presente. Recusando tanto a História como o estudo do passado quanto as Ciências Sociais que só enxergam o tempo presente, Braudel assim procede porque utiliza um recurso bastante interessante: o tempo não como objeto, mas como *meio* da História, assim como vê o *espaço* como meio pelo qual a Geografia interpreta os fenômenos. Lição já enunciada em 1949, ela atravessará toda a redação de *Gramática das Civilizações*. Lendo capítulos como “As unidades da Europa” ou “O outro Novo Mundo: a América Latina”, suas interpretações são preciosíssimas na compreensão de temas como os primórdios da atual União Européia e os problemas sociais, econômicos e espaciais que caracterizam países como Brasil, México e Argentina. Ou seja, estamos falando de um livro que, embora publicado em 1963, continua atual.

Porém, não se trata apenas de declarar sua atualidade, mas, sim, de perscrutar o tratamento da categoria *tempo* e o papel da História como ciência. Não por acaso, sua introdução intitula-se “História e tempo presente”. Afinal, “Explicar a atualidade continua a ser uma pretensão” (BRAUDEL, 2004:18[1963]). No que poderíamos completar sem trair suas meditações: cabe ao historiador não negligenciá-la. Sim, pois o tempo não é algo fixo e acabado, mas uma variável a ser manejada segundo os temas que se pretende investigar. Aspectos como *civilizações, religiões e mercados* demandam uma visada de longo alcance sobre o processo histórico. Empresas transnacionais de tecnologia já são manifestações históricas mais recentes que estas. A seu turno, fenômenos como a industrialização e a educação pública e gratuita só vieram a despontar a partir do século XIX.

Portanto, para Braudel, o que é a História? Como apontamos em outra ocasião (RIBEIRO, 2010:140), não é nem a ciência do passado, nem a que transcreve documentos, mas, sim, a que explica as temporalidades dos fenômenos e seus cruzamentos. Seu entendimento do *processo histórico* sublinha as *permanências*, em detrimento de rupturas e revoluções. A história é um *peso* do qual as sociedades não escapam assim tão facilmente. Ela é onipresente, mas apenas na medida em que os traços permanecem na paisagem, os homens repetem seus ritos, a natureza é um obstáculo constante. Após a ampliação temática e documental promovida pelos

Annales, tudo tornou-se objeto legítimo da História — e Braudel segue à risca esta “regra”. No entanto, sua predileção volta-se para aquilo que é durável, constante, repetitivo. O que os homens continuam a fazer no século XX e que não pode ser considerado novidade, posto que já o faziam no século XV? Quais são os elementos constituintes da sociedade brasileira contemporânea que deitam raízes no período colonial e que permanecem em nossos dias?

Assim, Braudel arquiteta não um plano histórico ideal tal como as Filosofias da História se esforçaram em criar, mas uma concepção coerente da História como ciência. Não é uma teoria complexa sobre a natureza do tempo histórico nem, tampouco, uma explicação epistemológica detalhada e precisa de como as diversas temporalidades se relacionam entre si (cf. ARÓSTEGUI, 2006 [1995]; SHAW, 1994). Na esteira da suspeita das Ciências Humanas para com a Filosofia e substituindo a construção de teorias por noções mais simples que possam servir como recurso metodológico ou modelo, reconhecer e insistir que a história admite ritmos e descontinuidades — e que, portanto, pode ser apreendida fora da tradicional sequência cronológica — é uma perspectiva assaz fértil quando se trata de compreender a dinâmica da vida social, as diferenças de enfoque entre as ciências e os empecilhos relativos aos projetos interdisciplinares.

Destarte, de que maneira podemos traduzir o sentido do título *Gramática das Civilizações*? A gramática, ou seja, o conjunto de símbolos e regras de expressão e comunicação dos povos, diz respeito ao *tempo* ou, para sermos mais exatos, às *temporalidades*. As civilizações possuem seus ritmos e “estações” e, embora em contato umas com as outras (ou mesmo quando é o caso de uma ser “filha” da outra, tal como ele se refere às Américas, a “Europa de ultramar”), guardam suas características próprias. Por sua vez, evocar o conceito de *civilização* possui, pelo menos, dois significados: um político e um epistemológico — separação meramente didática, ressalte-se. Sobre o primeiro, iremos comentá-lo mais adiante. De qualquer maneira, um esclarecimento: tal opção não recai nem em uma abordagem culturalista, nem no evolucionismo. Todavia, uma certa tendência eurocêntrica repousa no cerne de *Gramática das Civilizações*.

Acerca do sentido epistemológico, as civilizações são, para Braudel, grandes massas de pessoas, enraizadas em espaços específicos e vivendo segundo determinadas características religiosas, culturais e sociais. Suas tradições, paisagens e vínculos identitários foram construídos não de uma hora para outra, mas em uma escala de tempo que atravessou gerações e gerações. Assim, tais elementos constituem um ambiente perfeito para a consecução de uma *história total e de longa duração*, em que diversos traços da vida social estão em constante interação uns com os outros em um plano multissecular de tempo, tais como a religião e a política no Islã e o mundo muçulmano; a economia e o pensamento científico na Europa Ocidental; a cultura do arroz e a vida familiar na China e na Índia; a abundância de recursos naturais e a exploração colonial na América Latina. As civilizações são sólidas, resistentes às transformações¹¹: são *estruturas* a explicar a técnica, a agricultura, a política, o meio ambiente, as mentalidades. Em virtude de sua pujança, nelas os indivíduos se diluem, se esvaem.

Eis aqui um ponto crucial e, talvez, ambíguo, do pensamento braudeliano: a história se assemelha menos com a produção de liberdades que com a de restrições e imposições. É verdade que ele enfatizou a superação humana em relação à escala local; a conquista dos mares, oceanos e lugares longínquos rompendo as barreiras da distância; os sucessos técnicos da agricultura superando a insuficiência alimentar; a produção de mercadorias pela indústria proporcionando melhorias na vida cotidiana; as conquistas científicas.¹² Porém, o “Homem braudeliano” parece subtraído da capacidade de fazer a história. Ela é algo a ser *sofrido* pelos homens, um fardo no qual a possibilidade mais

¹¹ “Com efeito, escolher as grandes civilizações como ‘marcos inteligíveis’ do mundo atual é ultrapassar o movimento rápido da história tal como vocês [refere-se aos alunos do terceiro colegial] a seguem, de 1914 a 1962. É convidar-nos a refletir sobre certa história de respiração lenta, ‘de longa duração’. As civilizações são personagens à parte, cuja longevidade ultrapassa o entendimento. Fabulosamente velhas, elas continuam a viver em cada um de nós; e hão de sobreviver a nós ainda por muito tempo”. (BRAUDEL, 2004:18-19 [1963]).

¹² Referimo-nos particularmente aos três volumes de *Civilização Material, Economia e Capitalismo*. Para nós, trata-se da perspectiva histórica mais interessante já escrita acerca do que somos enquanto *sociedade moderna*. O fato desta *obra-prima* das Ciências Humanas permanecer subvalorizada — máxime por parte dos geógrafos — merece um estudo aprofundado. A respeito desta obra, consulte MORINEAU, 1988 [1981]; MAGER, 1999 [1990]; WALLERSTEIN, 1999 [1991]; AGUIRRE ROJAS, 2003a; RIBEIRO, 2011a.

evidente não é outra senão resistir, sobreviver. Na lição inaugural do *Collège de France* em 1950:

Não negamos, para tanto, a realidade dos eventos ou o papel dos indivíduos, o que seria pueril. Ainda assim cumpriria notar que, na história, o indivíduo é, muito frequentemente, uma abstração. Não há jamais, na realidade viva, indivíduo encerrado em si mesmo; todas as aventuras individuais se fundem numa realidade mais complexa, a do social, uma realidade 'entrecruzada', como diz a Sociologia. O problema não consiste em negar o individual a pretexto de que foi afetado pela contingência, mas em ultrapassá-lo, em distingui-lo das forças diferentes dele, em reagir contra uma história arbitrariamente reduzida ao papel dos heróis quinta-essenciados: não cremos no culto de todos esses semideuses, ou, mais simplesmente, somos contra a orgulhosa palavra unilateral de Treitschke: 'Os homens fazem a história'. Não, a história também faz os homens e talha seu destino — a história anônima, profunda e, amiúde, silenciosa, cujo incerto, mas imenso domínio, é preciso abordar agora (BRAUDEL, 2005:23 [1969]).

Dando continuidade aos “combates pela História”, vemos, de um lado, o julgamento desfavorável à Escola Metódica, aquela dos “heróis” e dos “semideuses”. De outro, a aproximação junto à Sociologia e a defesa do coletivismo, dos “anônimos”. Escolhas que entendemos facilmente, decerto. Porém, em uma outra instância, cabe perguntar: o que efetivamente Braudel quis dizer ao sustentar que os homens fazem a história, mas a história também faz os homens? Ensaïemos uma resposta: o processo histórico é algo que se acumula sobre a vida humana. Ele é um *continuum* no qual as gerações futuras, inevitavelmente, se depararão. A história é o resultado da tradição, do trabalho, do pensamento de várias gerações, e não somente do tempo dos eventos, dos acontecimentos espetaculares consagrados por determinada historiografia. Só sabemos o que é história “saindo” de nós mesmos e daquilo que imediatamente nos cerca, ou seja, ultrapassando o presente e o passado recente e mergulhando em uma história inconsciente, esquecida, rejeitada. A história é uma *estrutura* no sentido de que, dela, nada se apaga, nada se perde. Se as consequências de um dado fenômeno não foram sentidas quando de sua eclosão, nada garante que o momento seguinte não irá resgatá-lo e trazê-lo à tona. Longe das Filosofias da História, cujas leituras de mundo as levaram a “antever” o futuro, para Braudel o devir é imprevisível. No entanto, uma coisa é certa: nada ocorre fora da história e de seus condicionamentos

ou, em uma frase, fora do peso da longa duração. A relação dos homens com a história é a de um “eterno retorno” — mas é ela quem os conduz, e não o oposto.¹³

É desta forma que aspectos como *meio ambiente*, *civilização* e *mercado* são incontornáveis. Amálgamas, pilares de um edifício construído durante séculos, não há vida social fora deles, e é nesse sentido que a história — ou, ao menos, parte dela — escapa aos indivíduos. Das civilizações, recebemos os costumes, as tradições, a *ouillage mental*, as noções de “certo” e “errado”. Do meio ambiente, os recursos básicos à sobrevivência, o enraizamento a um dado lugar, as paisagens com as quais nos identificamos e nos reconhecemos no mundo. Do mercado vêm os intercâmbios, a moeda, o crédito, a satisfação das necessidades.

Aqui, um interessante elemento teórico-metodológico deve ser observado: se no plano historiográfico o processo histórico é algo aberto e passível a diversas interpretações, no plano empírico ele é resistente às mudanças. Boa parte dele é, podemos dizer, reversível apenas na escala da longa duração. Por conta disso, Braudel procura não os grandes feitos ou a irrupção das revoluções, mas sim que “todo estudo do passado deve, necessariamente, comportar uma medida minuciosa daquilo que, em determinada época, *pesa* exatamente sobre sua vida — *obstáculos* geográficos, técnicos, sociais, administrativos” (BRAUDEL, 2005:118 (1969), grifo nosso). Conforme algumas de suas passagens, pode-se deduzir que a proximidade com o tempo presente e o imperativo das coisas cotidianas impede que os homens e, mesmo, os historiadores, tomem consciência das restrições impostas pela história — seja uma crença proibitiva ou o papel subordinado do gênero feminino, por exemplo. Daí a importância de encarar o presente não de maneira “breve e irreal” (BRAUDEL, 2005:83 [1969]) mas, sim, como *um momento pleno de história*, isto é, repleto tanto de possibilidades quanto de injunções. Braudel privilegia estas últimas. Comentando as

¹³ “Ultrapassar o evento era ultrapassar o tempo curto que o contém, o da crônica ou o do jornalismo — essas rápidas tomadas de consciência dos contemporâneos no dia-a-dia, cujos traços tornam tão vivo o calor dos eventos e das existências passadas. Equivale a perguntar se, além do eventos, não há uma história inconsciente dessa vez, ou melhor, mais ou menos consciente que, em grande parte, escapa à lucidez dos atores, dos responsáveis ou das vítimas: *elas fazem a história, mas a história os transporta*” (BRAUDEL, 2005:96 (1969), grifo nosso).

imobilidades camponesas, os sentimentos religiosos ou as atitudes perante a morte, lemos o seguinte:

Essas realidades, essas estruturas em geral são antigas, de longa duração, e sempre traços distintos e originais. Elas conferem às civilizações sua fisionomia particular, seu ser. E estas raramente as permutam, pois cada qual as considera como valores insubstituíveis. Bem entendido, essas permanências, essas escolhas herdadas ou essa recusa em face das demais civilizações são, em geral, inconscientes para a grande massa dos homens. E importa, para discerni-las com clareza, afastar-se (pelo menos mentalmente) da civilização em que se está mergulhado (BRAUDEL, 2004:48-49 [1963]).

Assumindo posição central em Braudel a partir da década de 1950, o vocábulo *estruturas* reflete uma outra etapa dos debates travados pelos *Annales*. Desta vez, o adversário não é mais a Sociologia Durkheimiana ou a história historizante, mas a Antropologia de Claude Lévi-Strauss. Integrante da missão francesa na Universidade de São Paulo nos anos 30, dela virá a principal “ameaça” para a História após a II Guerra Mundial. Situando-a como uma ciência humana e natural ao mesmo tempo (um programa disciplinar ambicioso, portanto), sua crítica é tão ácida quanto fora a dos primeiros *Annales*: a ingenuidade e a fragilidade da História por seu apego às realidades empíricas era mais que evidente. Contrastada com a *démarche* etnológica, que buscava as estruturas profundas da sociedade através da construção de modelos teóricos, não caberia outro papel à História senão o de ser o material básico daquela. Ciência conceitual, a Antropologia levistraussiana investiria na anti-historicidade e na invariância como traços essenciais da análise social (DOSSE, 2003:36-42 [1987]).

A resposta de Braudel não tardaria a aparecer. Tomando para si tal conceito e admitindo a existência de aspectos sociais “permanentes”, a diferença para com a abordagem de Lévi-Strauss é, porém, inequívoca: as estruturas são entidades vivas e em movimento. Ainda que se modifiquem lentamente, nem por isso deixam de ser históricas, no sentido que afetam a constituição e o andamento das sociedades. No entanto, na medida em que definidas como “um corpo subtraído à gravidade, à aceleração da história” (BRAUDEL, 2005:107 [1969]), seu caráter é, no mínimo, *sui generis*. Como alguém que prega a historicidade de todos os fenômenos sociais pode declarar algo semelhante?

Eis que estamos no cerne da reflexão braudeliana: uma das questões-chave das Ciências Humanas é saber distinguir o durável do efêmero, o brilho dos vaga-lumes da imensidão da noite escura, a fumaça excessiva porém passageira das realidades sólidas que persistem historicamente.¹⁴ As estruturas são *prisões de longa duração*: quadros mentais afetando a psicologia coletiva, pressões biológicas sobre a demografia, práticas camponesas arraigadas. Elas se arrastam tempo afora e, como um imã, vão delimitando os destinos da história. E, embora alguns atestem que Braudel não as definiu nitidamente do ponto de vista teórico,¹⁵ ele investe na concreticidade e no vigor da manifestação fenomênica como provas de clareza para compreender seu papel histórico:

A longa duração é a história interminável, durável, das estruturas e grupos de estruturas. Para o historiador, uma estrutura não é somente arquitetura, montagem, é permanência e frequentemente mais que secular (o tempo é estrutura): essa grande personagem atravessa imensos espaços de tempo sem se alterar; se se deteriora nessa longa viagem, recompõe-se durante o caminho, restabelece sua saúde e, por fim, seus traços só se alteram lentamente... (BRAUDEL, 2005:106 [1969]).

Diferentemente de Lévi-Strauss, cujo êxito, segundo Braudel, só seria alcançado quando seus modelos “navegassem nas águas da longa duração” (BRAUDEL, 2005:107 [1969]), o estruturalismo braudeliano¹⁶ não está à procura nem da natureza humana, nem dos universais. A crença do historiador francês na plenitude histórica, isto é, no fato de que as múltiplas dimensões da vida social são “cheias” de história e só se

¹⁴ Tal como ele proclamaria, sobretudo, nos artigos *Les responsabilités de l'histoire* (1950) e *Histoire et Sciences Sociales. La longue durée* (1958), ambos reunidos em BRAUDEL, 2005 [1969].

¹⁵ Em busca de uma história científica e racionalista, Lloyd observa: “Nas obras de Braudel, há uma tensão entre a coleta maciça de dados sobre os padrões observáveis da vida cotidiana e suas afirmações quase *ad hoc* sobre a existência de camadas estruturais, ao lado de sua desatenção às mentalidades. Apesar de afirmar estar basicamente preocupado com a história das estruturas a longo prazo, seu conceito de estrutura permaneceu subdesenvolvido” (LLOYD, 1995:100 [1993]). Com exceção da negligência de Braudel para com as mentalidades — algo que não podemos concordar após a leitura de *Gramática* —, Lloyd tem toda a razão. A definição braudeliana de *estrutura* é literária e, no limite, quase anti-racionalista (vide acima).

¹⁶ Um tanto quanto impaciente em virtude das confusões que isso havia lhe causado, ele mesmo esclarece em um dos artigos do *Corriere de la Sera*: “A essa história profunda, chamei *estrutural* — mas, por favor, entenda-se, e de uma vez por todas, que *meu* estruturalismo nada tem a ver com o estruturalismo (que, por sinal, saiu de moda) dos lingüistas. Para mim, é *estrutura* tudo o que resiste ao tempo da história, o que dura e até perdura — logo, algo bem real, e não a abstração da relação ou da equação matemática” (BRAUDEL, 1992:371 [1990]).

explicam a partir dela, também o levou a recusar a dicotomia proposta pelo antropólogo entre sociedades “frias” e sociedades “quentes” — como se fosse possível existir povos *sem* história e povos *com* história. Para Braudel, trata-se exatamente do contrário: as estruturas são dinâmicas e mutáveis, mas só conseguimos alcançar seus movimentos quando as observamos à luz da longa duração. É onde pode-se apreender a continuidade das feições estruturais das sociedades (religiões e meio geográfico); os eventos rápidos e aparentemente ameaçadores que não fazem senão tocá-las superficialmente (as revoluções); e as conjunturas (econômicas, principalmente) que,

“As estruturas são prisões de longa duração: quadros mentais afetando a psicologia coletiva, pressões biológicas sobre a demografia, práticas camponesas arraigadas. Elas se arrastam tempo afora e, como um imã, vão delimitando os destinos da história.”

de fato, as abalam, provocando desvios e alterações.

A História estrutural não é, portanto, alheia à mudança — acaso ela poderia ser concebida dessa forma? —, mas, sim, uma História, por assim dizer, “resistente”.¹⁷ Ela demanda uma operação intelectual onde somos convidados a, reconhecendo previamente a herança do passado, examinar atentamente o presente mas, ao mesmo tempo, não ceder às tentações do tempo curto — “a mais caprichosa, a mais enganadora das

durações” (BRAUDEL, 2005:46 [1969]).

Nesta *démarche*, a proposta de Braudel vai além de reconhecer a pluralidade do tempo e seus ritmos. A questão é mais ampla e, parece, ainda não foi alcançada em sua totalidade. De fato, *o que está sendo questionado é a própria concepção moderna de processo histórico* (RIBEIRO, 2010: 140). Tal como fora elaborado por Comte, Hegel

¹⁷ Eis a sutileza da noção braudeliana de mudança: não se está falando da alteração de governo de quatro em quatro anos ou de planos econômicos quinquenais, mas sim de câmbios profundos, amplos. Ultrapassam o tempo de vida e morte de um indivíduo e envolvem gerações e gerações: “Fique claro que a estrutura não é imobilidade rigorosa. Ela só me parece imóvel em relação a tudo o que, em torno dela, se move, evolui mais ou menos depressa. Mas ela se desgasta, durando. Ela se apouca. É inclusive sujeita a rupturas, mas afastadíssimas umas das outras no tempo e que, por mais importantes que sejam, nunca dizem respeito a toda a arquitetura estrutural da sociedade. Nem tudo se quebra de um só golpe” (BRAUDEL, 1992:356 [1990]). Em outra ocasião, reitera como se dá a mobilidade das estruturas: “Toda longa duração se interrompe mais dia menos dia, nunca de uma vez, nunca em sua totalidade, mas surgem fraturas” (BRAUDEL, 1996:223 [1979]). Contudo, a mudança parece algo natural, automático.

e Marx — a despeito das diferenças entre eles, evidentemente —, o passado era algo a ser superado; grosso modo, “deixado para trás”. Para Comte, o “estado positivo” seria a consagração da ciência, da indústria e do Estado, com os estados “teológico” e “metafísico” não passando de períodos ingênuos e imaturos do conhecimento humano que deveriam ser esquecidos (COMTE, 1983 [1844]). Para Hegel, Napoleão encarnava o “Espírito do Mundo”, que varreria a Europa do domínio nefasto da Igreja e do que sobrara da Idade Média, implantando o Estado e o Capital como permanentes e universais. A História acabava ali (MÉSZÁROS, 2002). A seu turno, na medida em que os homens eram escravos de seu próprio trabalho, Marx via o mundo mergulhado em sua *Pré-História*. A emancipação *histórica* deste estado de coisas só viria com o Socialismo, arruinando de uma vez por todas o modo de produção capitalista (MARX & ENGELS, s/d a [1846], s/d [1848]).

Como Braudel concebe o processo histórico? Sobretudo, de maneira *cumulativa*. Falar em durações diferentes significa incorporar a multiplicidade de camadas, níveis e aspectos históricos. Não há rompantes e, tampouco, fator exclusivo que domine a explicação histórica. A escala privilegiada onde se desenrola a vida humana é o mundo, e seus diversos atores (camponeses, comerciantes, banqueiros, cientistas, escritores, reis...) contribuem, cada qual à sua maneira, para a constituição de uma rede social em que *interdependência* é palavra-chave. Não, a sociedade não é igualitária: por intermédio da longa duração, a história se apresenta no tempo e no espaço de forma desigual, mas, nem por isso, possui heróis ou vilões. Não há um projeto civilizatório ou missão redentora a despontar no horizonte histórico. A ênfase braudeliiana recai nas dimensões econômica e social, é verdade, mas também estão presentes conflitos territoriais, disputas religiosas, lutas contra ambientes inóspitos, ascensão e queda de grandes cidades, divergências de idéias, soluções e problemas agrícolas, aspectos populacionais. Na realidade, a *longue durée* desacelera, mas não há interrupção do processo histórico. Trata-se de algo aberto e em constante, porém lenta, construção. A longa duração pode, mesmo, soar como uma evasão,¹⁸ mas isto é tão somente um

¹⁸ Conforme as pertinentes interpretações do historiador brasileiro José Carlos Reis (REIS, 1994:92-93; 2000:30-35).

recuo para captar, com maior lucidez de sentido, o peso da história sobre o presente. Afinal, para Braudel, a história não se reverte assim tão facilmente.

3. Os efeitos políticos da longa duração

Defesa da ciência histórica frente à Antropologia; condenação das Filosofias da História; apelo à historicidade como elemento incontornável da vida social; diferentes ritmos temporais... Para nós, é indubitável que estamos diante de uma concepção de História que, embora insuficientemente teorizada (para alguns), não quer dizer que seja incompreensível nem, tampouco, que não possa ser desenvolvida sob este patamar. Reconhecer em Braudel uma teoria da História e, a partir daí, explorar as consequências de seu pensamento nos parece fundamental para o entendimento da Modernidade e do capitalismo. Entretanto, ainda que tal exercício seja crucial para a História das Idéias de modo geral e, em particular, para a Historiografia, ele permanecerá insuficiente se não vier acompanhado da seguinte interrogação: *qual a natureza política da concepção braudeliana de História?* Sim, pois a epistemologia não faz sentido somente quando confrontada com a empiria. Obrigando o intelectual a criar um meio para elucidar o caos dos fenômenos, desta trama emergirá não somente uma visão cognitiva de mundo, mas, também, o desvelamento do sujeito: um ato de se desnudar que não quer dizer outra coisa senão tomar partido diante daquilo que lhe cerca. É a posição política que se desembaraça a partir da epistemologia. Ela a revela em sua totalidade.

A questão pode ser formulada como se segue: *partindo Braudel do referencial teórico da longa duração, quais as consequências políticas desta postura no âmbito de sua interpretação histórica?* Dito de outra forma, como o historiador do tempo longo posicionou-se frente à Expansão Marítima e Comercial Européia, ao Colonialismo, ao Capitalismo?

Se a longa duração é uma evasão, uma espécie de distanciamento — e, com certeza, de aprofundamento — frente à história,¹⁹ isto não o isenta de assumir suas inclinações ideológicas. Afinal, estamos discorrendo sobre alguém que se fez historiador presenciando a Crise de 29 e o *New Deal*, a queda da República de Weimar, o Nazi-Fascismo, a Guerra Fria, a Revolução Cubana, a Descolonização e tantos outros acontecimentos que marcaram o que o historiador marxista britânico Eric Hobsbawm denominou de *era dos extremos* (HOBBSAWM, 1995 [1994]). Visto sob este ângulo, poderíamos ampliar a argumentação e dizer que, se o XIX foi o século da História, o XX foi o século da Política: a derrota dos regimes totalitários, o predomínio da democracia e do sufrágio universal e a bipolarização Capitalismo-Socialismo são elementos mais que suficientes para corroborar tal ponto de vista. *Ironicamente, contudo, o século da Política foi aquele cuja corrente historiografia hegemônica investiu, precisamente (supostamente?), contra a História Política!* Todavia, como é sabido, a crítica de Bloch e Febvre à História Política está longe de ser a negação da dimensão política — muito pelo contrário (RIBEIRO, 2010a).

Dois motivos acabariam por dificultar a tarefa braudeliana de encobrir o conteúdo ideológico de seus escritos: o Capitalismo como principal de tema de estudos e um livro cuja intenção e prática explícitas eram a de associar passado e presente na compreensão dos cem anos precedentes. Estamos falando de *Gramática das Civilizações*. A escolha do conceito de *civilização* tinha um evidente cunho político. Gostaríamos de sugerir que ela representou uma tentativa de relativizar as dimensões militar e nacionalista da História numa Europa que, mal acabara o pesadelo da II Guerra Mundial, adentrara em tempos de Guerra Fria. Afinal, inicialmente, *Gramática das Civilizações* era direcionada aos estudantes do último ano colegial, ou seja, havia a

¹⁹ Primeiramente, ele assegura: “O historiador não sai jamais do tempo da história: esse tempo cola-se ao seu pensamento como a terra à pá do jardineiro”. No entanto, em seguida, completa: “Ele sonha, é certo, evadir-se dele”. E arremata com aquela que é uma das principais experiências que o levou a refletir sobre a história longa: o cativo alemão. Sim, pois enquanto tudo ao seu redor se movia, ele mesmo permanecia estático. Cinco anos onde os dias e as noites não eram senão iguais... “Pessoalmente, no decorrer de um cativo bastante moroso, lutei muito para escapar à crônica desses anos difíceis (1940-45). Recusar os eventos e o tempo dos eventos era colocar-se à margem, ao abrigo, para olhá-los um pouco de longe, julgá-los melhor e não acreditar muito. Do tempo curto, passar ao tempo menos curto e ao tempo muito longo (se ele existe, este só pode ser o tempo dos sábios), depois, chegado a esse termo, parar, considerar tudo de novo e reconstruir, ver tudo girar à sua volta: a operação tem do que tentar um historiador” (BRAUDEL, 2005:108-109 [1969]).

nítida intenção de transmitir aos jovens cidadãos franceses uma determinada idéia de História que não era mais aquela da III República (1870-1940). Mapear e explorar a diversidade civilizacional do mundo era, também, uma forma de superar ou, pelo menos, de apresentar uma alternativa face a uma perspectiva histórica ancorada nos Estados-Nação (Escola Metódica) e na luta de classes (Marxismo) (vide, respectivamente, LANGLOIS & SEIGNOBOS, 1992 [1898]; KAYE, 1989).

Ressaltemos que ele procura guardar certa distância face aos objetos de pesquisa que aborda (BRAUDEL, 1989:11 [1986]), aspecto que já estava presente em Bloch e Febvre. Entretanto, cremos que Braudel parece mais sutil no tocante a assumir seus julgamentos históricos. Além disso, em termos pessoais, não tinha nem o engajamento do primeiro, nem a atração pelas querelas intelectuais do segundo. Todavia, o fator mais importante é, mesmo, o tratamento dado ao tempo. A adesão à longa duração está ligada à estratégia de evasão: evasão do tempo curto, dos fatos efêmeros. O historiador se deixa levar por uma abordagem mais fluida, menos fixa, do tempo. Não há a rigidez da cronologia e sua imposição de que as coisas se sucedem inevitavelmente umas após as outras. Por isso Braudel fala na *saída*, no contemplar a História de longe,²⁰ nos fazendo lembrar um pouco o tão conhecido exemplo de situar-se do alto de uma montanha a fim de enxergar o todo com mais clareza — mesmo que isto faça perder a visão dos detalhes.

Eis uma imagem a auxiliar a interpretação da escrita histórica em questão: o alto da montanha representa a perspectiva da longa duração. Nas planícies, localizam-se os eventos. E, a meio caminho de ambas, as conjunturas. É uma figura imperfeita, bem o sabemos. Porém, serve para ilustrar que Braudel desejava ver as coisas de fora, para

²⁰ A situação a seguir mostra bem essa feição, tal como ele mesmo a testemunha no texto *Minha formação de historiador* (1972): “Só tomei plena consciência disso [do fato de que, se *La Méditerranée* não tivesse sido escrito no cativeiro, teria sido um livro de natureza assaz diversa] há um ano ou dois, ao encontrar em Florença um jovem filósofo italiano. ‘O senhor escreveu esse livro na prisão?’, perguntou-me. ‘Ah, é por isso que ele sempre me deu a impressão de um livro de contemplação’. Sim, contemplei, cara a cara, durante anos, longe de mim no espaço e no tempo, o Mediterrâneo. (...) Bem longe de nossas pessoas e infortúnios cotidianos, a história era escrita, rodava lentamente, tão lentamente quanto essa vida antiga do Mediterrâneo, cuja serenidade e como que a majestosa imobilidade eu sentira com tanta frequência. Foi assim que me pus conscientemente em busca da linguagem histórica mais profunda que eu podia apreender, ou inventar: o tempo imóvel ou, pelo menos, de lentíssimo desenrolar, o obstinado em repetir-se. Meu livro ordenou-se, então, de acordo com várias linhas temporais diferentes indo do imóvel à brevidade do acontecimento” (BRAUDEL, 1992:11-12 [1990]).

além do calor dos acontecimentos e suas pulsações rápidas, nervosas. No entanto, segundo ele, isto não se traduzia na perda do detalhe, mas sim em sua compreensão mais lúcida, à medida em que o detalhe era incorporado ao movimento geral da história. É por esta razão que, ao ser desafiado a refletir sobre o século XX, ele opta pelo conceito de *civilização*, recurso analítico que permitia tanto operar sua perspectiva política quanto apreendê-la no plano da longa duração.

Com as civilizações, o tempo associava-se ao espaço (RIBEIRO, 2011). O passado mais longínquo e o presente mais imediato se encontravam, possibilitando a Braudel algo que lhe era capital: o manejo dos ritmos temporais; os saltos históricos; o rompimento com a camisa-de-força cronológica; a capacidade de ir e vir na história possibilitada pelas paisagens e espaços geográficos.²¹ É justamente esta articulação espaço-temporal que o deixa à vontade para relativizar o impacto das revoluções (BRAUDEL, 1992:358 [1990]). Afinal, poucos fenômenos são, realmente, revolucionários.

Ora; o problema é que o que permaneceu e resistiu no desenrolar do processo histórico multissecular diz respeito menos aos interesses da minoria que aos da maioria. Todavia, isto não parece ser problema para Braudel, pelo contrário: em várias ocasiões ele menciona a desigualdade social como um traço estrutural e, no limite, chega a dizer que a permanência mais relevante para um historiador diz respeito ao fato de que toda sociedade continua hierarquizada. Eis exatamente a tentativa de neutralidade de nosso investigado *legitimada por intermédio do campo epistemológico*: a distribuição da terra, o capitalismo, a desigualdade social, a dominação religiosa e outros aspectos são *estruturais* e, portanto, não se desfarão sem mais nem menos. Não é sua premissa analítica a de que os homens mais sofrem do que fazem a história? (BRAUDEL, 1992:342 e 372 [1990]).

Em uma dada altura de *Gramática das Civilizações*, ao comentar as disparidades econômicas na Europa, pode-se ler: “Na realidade, nunca pode haver circulação, economia comum, sem diferenças de atividade ou de nível, sem regiões que conduzem e outras que são conduzidas. Desenvolvimento e subdesenvolvimento não cessam de comandar-se, de depender um do outro” (BRAUDEL, 2002:371 [1963]). Tratar-se-ia de

²¹ Sobre o papel da geografia na concepção braudeliana de História, vide RIBEIRO, 2008.

uma reflexão que aceita sem questionar a desigualdade capitalista? Ou, tão somente, da reprodução da noção consagrada de desenvolvimento desigual e combinado? Não se pode tirar conclusões precipitadas. Um autor como Braudel deve ser tratado com a mesma seriedade com que abordou seus temas de pesquisa. Atentemos para uma outra passagem que nos auxiliará um pouco mais nessa direção. Discutindo as questões sociais na América Latina, ele atesta:

Uma elite intelectual, escritores, admiráveis professores, alguns raros políticos, alguns médicos cultos e advogados tomaram consciência desses novos problemas. Infelizmente, a fragilidade das classes dirigentes, política e economicamente responsáveis, é outra das fraquezas graves e permanentes da América do Sul. A crise do crescimento industrial destruiu de maneira implacável uma velha sociedade culta, requintada, pouco capaz, é verdade, de inserir-se nesse novo mundo, mas tão simpática! O que é pior é que nada ainda se ofereceu para substituí-la realmente. Ontem, vale dizer, antes de 1939, numa América ainda semicolonial, apenas uns poucos atores ocupavam a estreita cena da vida política e da cultura, ao mesmo tempo que dominavam negócios tranquilos. Homens encantadores, sedutores, cultos, proprietários de centenas, de milhares de hectares, possuidores de riquíssimas bibliotecas, alguns deles verdadeiros príncipes faustosos do Renascimento, feitos para seduzir o jornalista, o viajante ou o intelectual da Europa. (...) Às vésperas da última guerra, porém, já se tinha a impressão de que estavam socialmente condenados (...). O que continua a faltar à América do Sul são partidos políticos consistentes e, mais ainda, elites, burguesias estáveis, o 'medio pelo', o 'meio-pêlo', como se diz no Chile para designar esse meio-termo social (no sentido ordinário, a expressão se aplica ao gado cruzado de segunda categoria). Os poucos intelectuais existentes não bastam. Seria preciso tempo, situações calmas, uma economia menos estritamente dividida entre muito pobres e muito ricos, para que se instaure essa classe indispensável ao equilíbrio social de um mundo que até aqui permanece basicamente capitalista (BRAUDEL, 2004:404-405 [1963]).

O que dizer da apreciação extremamente favorável às elites latino-americanas, enriquecidas através do tráfico de escravos, da corrupção do Estado e da exploração do trabalho livre, apenas para citar poucos exemplos? Seriam simpáticos os latifundiários, coronéis e políticos que, ao lado de portugueses, espanhóis, franceses e ingleses, construíram, *na longa duração*, a miséria da América Latina? Ou devemos depositar as esperanças na organização da classe média e na edificação de burguesias estáveis, quando sabemos que estes mesmos grupos foram responsáveis pelas ditaduras militares que se abataram sobre a já trágica história de países como Chile, Argentina e Brasil? E, no que concerne especificamente a Braudel, nem podemos rotulá-lo como mais um europeu cuja visão estereotipada sobre a América Latina o

leva a dizer algumas inverdades. Sua temporada no Brasil dos anos 1930 colocou-o em contato não apenas com grandes espaços e rápidas modificações na paisagem, mas também com a aristocracia francófona paulista numa instituição cuja gênese tinha como objetivo a formação de quadros administrativos que pudessem gerir uma democracia *à la française*. Um dos principais amigos de Braudel era Júlio de Mesquita Filho, representante da burguesia ilustrada e diretor do jornal liberal *O Estado de São Paulo* ²² (Cf. PARIS, 1999:224-260).

Embora o autor supracitado pretenda realizar uma descrição neutra do capitalismo lançando mão de uma sutil e complexa combinação entre *posição metodológica* e *aspecto epistemológico* em torno do tempo,²³ sua interpretação segue uma direção que, num primeiro momento, lembra um pouco aquilo que atraiu os autores

do *Manifesto Comunista*: o capitalismo é revolucionário, progressista, impetuoso. Arruína valores e tradições arraigadas, rompe barreiras e fronteiras,²⁴ abala a vida nacional e faz, do mundo, sua casa.

Conjugando ambos os vocabulários, poder-se-ia dizer, a título de exemplo: a dialética entre forças produtivas e relações de produção acabaria por minar as estruturas

“Com as civilizações, o tempo associava-se ao espaço. O passado mais longínquo e o presente mais imediato se encontravam, possibilitando a Braudel algo que lhe era capital: o manejo dos ritmos temporais; os saltos históricos; o rompimento com a camisa-de-força cronológica; a capacidade de ir e vir na história possibilitada pelas paisagens e espaços geográficos.”

²² Sobre o impacto do Brasil na reflexão de Braudel, vide LIMA, 2009.

²³ No que tange ao método, à postura do sujeito: “Procurei, neste segundo volume [*Les Jeux de l'Échange*], analisar o conjunto dos jogos da troca, desde o escambo elementar até, e inclusive, o mais sofisticado capitalismo. *Partindo de uma descrição tão atenta e neutra quanto possível*, tentei apreender regularidades e mecanismos, uma espécie de história econômica geral (...)”. Cf. BRAUDEL, 1996 [1967], p. 7, grifo nosso. No que tange à epistemologia: “Mas descrever, analisar, comparar, explicar é *colocar-se quase sempre fora da narrativa histórica*, é ignorar ou quebrar, como que e por capricho, os tempos contínuos da história” (BRAUDEL, 1996:9 [1967], grifo nosso).

²⁴ “O dinheiro, porém, desempenha seu papel de destruidor dos valores e equilíbrios antigos. O camponês assalariado, cujas contas são registradas no livro do empregador, ainda que os adiantamentos em espécie do seu patrão sejam tais que nunca lhe sobra, por assim dizer, dinheiro vivo nas mãos no fim do ano, adquiriu o hábito de contar em termos monetários. Com o tempo, trata-se de uma mudança de mentalidade. Uma mudança das relações de trabalho que facilita as adaptações à sociedade moderna, mas que nunca reverte em favor dos mais pobres” (BRAUDEL, 1996:43 [1967]).

multisseculares do feudalismo. Asseverando que o capitalismo era um fenômeno de longa duração, Braudel quis, de alguma forma, aproximar-se do legado de Marx.²⁵ Entretanto, isto não nos autoriza a reduzir a reflexão braudeliana a uma mera variante do pensamento marxiano,²⁶ nem tampouco reuni-los como se suas incompatibilidades pudessem ser solucionadas no campo teórico.²⁷ Ao nosso ver, embora tenham muitos pontos em comum, os antagonismos mais evidentes entre Marx e Braudel situam-se, pelo menos, em dois planos: o epistemológico e o político.

Quanto ao plano epistemológico, não que o “homem braudeliano” seja reduzido a uma espécie de “condição natural” nem, tampouco, estamos falando de uma “história sem homens”. Não podemos nem dizer que o homem braudeliano é passivo diante da *história*, mas, sim, aventar que ele se mantém passivo diante das *estruturas da história*. Presas a uma malha histórica todavia mais forte, revoluções são tragadas pelo tempo longo; tentativas bruscas de mudanças profundas logo cedem ao poder das estruturas. Somos consumidos pela própria história. Não há muito o que fazer: ou caminhamos na direção do processo histórico ou seremos levado por ele. De maneira geral, o presente não surge como o tempo do otimismo e da transformação, mas como o tempo do conformismo e da aceitação que deixa escapar parte de seu potencial ativo. O futuro? Sobre este, a impressão que se tem é a de que o progresso sempre

²⁵ Em 1958, ele declarava: “O gênio de Marx, o segredo de seu poder prolongado, deve-se ao fato de que foi o primeiro a fabricar verdadeiros modelos sociais, e a partir da longa duração histórica”. Cf. BRAUDEL, 2005 [1969], pp.75-76. No início da década de 80, insistia: “Contudo, expliquei há muito tempo (mas será que somos lidos como gostaríamos?) que o pensamento de Marx, no que tem de mais original, de mais sólido e mais fértil, se desenvolve precisamente na perspectiva da longa duração histórica” (BRAUDEL, 1992:354 [1990]).

²⁶ “Fernand Braudel, autor de um estudo bastante original [*Civilisation Matérielle*], diverge de Marx em vários pontos, mas no final do seu livro admitiu que o que ele fez acabou sendo ‘voltar à linguagem de Marx, ficar do seu lado, mesmo que se rejeitem imediatamente os seus termos exatos ou a ordem rigorosa que lhe parece fazer deslizar toda a sociedade de uma a outra das suas estruturas’. Através de formulações sinuosas e nem sempre claras, Braudel, historiador brilhante, se dispunha a ser um aliado de Marx (“ficar do seu lado”), preservando porém suas prerrogativas de autonomia e seu direito de divergir, rejeitando a terminologia e a ‘ordem rigorosa’ do autor do *Capital*” (KONDER, 2002:190).

²⁷ Partindo de perguntas como “O que representa a imponente obra de Braudel dentro do processo de constituição de uma ciência da história iniciado por Marx? Em que pode contribuir a concepção marxista da história para uma revisão crítica dos trabalhos de Braudel? Que vasos comunicantes podem ser estabelecidos a partir de ambas posições sobre a história?”, Aguirre Rojas discute os pontos de contato e as oposições entre o filósofo alemão e o historiador francês, algo que merece uma leitura cuidadosa pelas possibilidades epistemológicas e sugestões historiográficas então levantadas. Ainda que não concordemos com a excessiva aproximação por ele promovida entre Marx e Braudel, que o leitor sintase convidado a lê-lo. Ver AGUIRRE ROJAS, 2000:25-177.

estará subordinado à ordem pois, caso contrário, tornar-se-ia revolucionário (para relembrar a fórmula consagrada por Comte). No entanto, esta ordem não é mais dada pela Razão e pelo Estado, mas pela própria história, alçada à condição de Senhora incontestada de todos os destinos — destinos que ela mesma, no passado, construiu. “A longo prazo, uma ação só pode ter peso histórico e durar se caminhar no sentido da história, se juntar sua própria velocidade à dela, em vez de tentar inutilmente freá-la” (BRAUDEL, 2004:332 [1963]). Não há espaço para o tempo-de-agora, para a esperança da mudança que despontará no horizonte revolucionário. Estamos falando de um raciocínio onde parece não haver saída ou rompimento histórico — esquema que, sob os nomes de historicismo, marxismo evolucionista ou positivismo, Benjamin investiu toda sua energia, denunciando-os nas “Teses” de 1940.²⁸

Quanto ao plano político, para Braudel a Europa mostra-se “engajada num mesmo destino global pela equidade social”, e o capitalismo é “criador de riquezas e bem-estar” (BRAUDEL, 2004:363 e 406 [1963]). Quando aborda o Colonialismo, retoma argumento semelhante ao outrora citado: uma das feições positivas deixada pelos franceses foi a formação de quadros administrativos e de uma classe de intelectuais no Líbano, Síria, Argélia, Tunísia e Marrocos (BRAUDEL, 2004:117 [1963]). De modo geral, pode-se estender esse “choque” e seu caráter “benéfico” às “estruturas sociais, políticas e culturais dos povos negros colonizados” (BRAUDEL, 2004:140 [1963]). E, embora concordasse que o Colonialismo manteve a Europa no centro do mundo e, portanto, lhe fora favorável (BRAUDEL, 2004:353 [1963]), isto não era motivo suficiente para “condenar, muito menos elogiar, a colonização europeia da África, mas simplesmente assinalar que essa colonização comporta, como quase todos os fenômenos que decorrem dos choques de civilizações, um ativo e um passivo culturais” (BRAUDEL, 2004:140 [1963]).²⁹

²⁸ Referimo-nos ao importantíssimo texto de Walter Benjamin *Teses sobre o conceito de história* (2005 [1940]).

²⁹ E completa: “Ao falar de um certo ativo da colonização, não estamos pensando nesses bens meramente materiais — estradas, ferrovias, portos, barragens —, nessas explorações do solo e do subsolo que os colonizadores instalaram com fins altamente interesseiros. Esse legado, por mais importante que às vezes possa parecer, seria de pouca utilidade e eminentemente perecível se os herdeiros não tivessem também adquirido, ao longo do penoso transe da colonização, meios que lhes permitem hoje sua utilização racional. O ensino, certo nível da técnica, da higiene, da medicina, da

Porém, em uma dada altura, parece ocorrer uma contradição entre seu alinhamento político e sua matriz teórica. Repetindo que não deve haver maniqueísmo no exame do tema em jogo, visto que existiram aspectos “positivos e negativos” dos dois lados e que as “responsabilidades e culpabilidades” teriam que ser “divididas”, arremata: “Uma coisa é certa: a história de certo colonialismo pertence a ontem — a página já foi virada” (BRAUDEL, 2004:354 [1963]).³⁰

Se existe uma certa inclinação de Braudel a favor do capitalismo, ela não o impediu de tentar manter a tão almejada (ainda por muitos!) neutralidade científica. É o que podemos observar quando ele se volta para as principais experiências socialistas. Sobre a União Soviética, vê com bons olhos o futuro da via revolucionária após a desestalinização, bem como ressalta a intensidade de sua industrialização (BRAUDEL, 2004:492-502 [1963]). Da China Popular, não parece ter a mesma simpatia, pois restringe-se a dizer que não é o caso nem de “elogiar” ou de “condenar”, preferindo destacar as virtudes da milenar civilização (BRAUDEL, 2004:202-211 [1963]). Por fim, dada a fase inicial da Revolução Cubana, seu comentário assinala o impacto na América Latina como um todo, tratando-se de uma “hora histórica” no que diz respeito aos problemas e soluções políticos e sociais ali vigentes (BRAUDEL, 2004:391-392 [1963]). Ou seja, não são opiniões de alguém que pode ser considerado um apologista do Capitalismo *stricto sensu* ou algo semelhante.³¹

administração pública são os melhores bens legados pelos colonizadores, a contrapartida positiva das destruições operadas, pelo contato europeu, nos velhos hábitos — tribais, familiares, sociais — sobre os quais se repousavam toda a organização e toda a cultura. Nunca se poderá dizer a que ponto puderam atuar, assim, as conseqüências e a novidade do trabalho assalariado, da economia monetária, da escrita, da propriedade individual da terra. Todos estes foram, sem dúvida, golpes desferidos num velho regime social. Mas tais golpes não são necessários à evolução que hoje se acha em curso?” (BRAUDEL, 2004:141-142 [1963]).

³⁰ No entanto, as posições mais explícitas de Braudel em torno da colonização em geral e, principalmente, da colonização francesa, foram expostas em seu último e inacabado livro *A identidade da França* (Cf. BRAUDEL, 1989 [1986], 1989a [1986], 1989b [1986]). A articulação entre identidade nacional e longa duração e seus desdobramentos políticos foi problematizada por RIBEIRO, 2010b.

³¹ Não é o que pensa José Carlos Reis, para quem “Braudel seria, se esta expressão ainda faz algum sentido, um ‘intelectual orgânico’ desse grupo vencedor e produtor da grande história [os capitalistas]”. Do lado oposto, Aguirre Rojas afirma, categoricamente, que “Fernand Braudel foi um pensador profundamente capitalista. Mas disso não decorre que tenha sido marxista ou comunista. Simplesmente significa que foi um crítico radical e implacável do que ele mesmo concebia como a realidade do capitalismo”. Já Dosse retrata bem as múltiplas visões políticas em torno de Braudel: “Contestado pela esquerda e pela direita, acusado pelo Partido Comunista Francês de ser um criado do imperialismo americano e do Plano Marshal, fez figura de revolucionário para os historiadores de direita ligados à

Poderia ser diferente? Como analisar o Socialismo a partir do referencial da longa duração, se ele consistia numa experiência histórica radicalmente original? Porém, bastava uma abertura para lançar mão de seu trunfo — e a longa duração falar mais alto. No que concerne aos problemas da agricultura japonesa, um jornalista afirmara que apenas o socialismo poderia solucioná-los. Responde Braudel: “Será? As experiências socialistas malograram justamente na agricultura. Aliás, todas as tentativas de reforma agrária, em todos os tempos e lugares, quando pretendem ser rápidas e radicais, têm trazido dissabores: as estruturas agrícolas estão entre as estruturas mais resistentes” (BRAUDEL, 2004:281 [1963]).

4. Uma leitura, uma interrogação

Ao pregar a neutralidade do trabalho científico, o primado da *longue durée* e sustentar que a história faz os homens mais do que os homens fazem a história, a concepção braudeliana de História retrata uma posição política de não-engajamento frente às mazelas da vida social. Tolerante com o Capitalismo, pretende dividir as responsabilidades pelo Colonialismo e minimizar o papel explorador da Europa na eclosão da Revolução Industrial. É possível pensar que estes aspectos afastaram muitos intelectuais que até poderiam manter certa admiração por suas idéias, mas não consentiam às consequências políticas das mesmas.

De todo modo, como negligenciar a contribuição braudeliana para as Ciências Sociais em torno da pluralidade temporal, da interdisciplinaridade e da geohistória, bem como sua interpretação sobre os processos constituintes da Modernidade?

5. Referências bibliográficas

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *Os Annales e a Historiografia Francesa: tradições críticas de Bloch a Foucault (1921-2001)*. Maringá: Eduem (2000).

_____. *Braudel, o mundo e o Brasil*. São Paulo: Cortez (2003).

história-narrativa”. Consulte, respectivamente, REIS, 1994, p.116; AGUIRRE ROJAS, 2003, p.133; DOSSE, 1999, p.161.

- _____. *Fernand Braudel e as Ciências Humanas*. Londrina: Eduel (2003a).
- ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru: EDUSC (2006 [1995]).
- BENJAMIN, Walter. "Sobre o Conceito de História". In: LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. Campinas: Boitempo (2005 [1940]).
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (2001 [1949]).
- BRAUDEL, Fernand. *Les ambitions de l'histoire*. Édition établie et présentée par Roselyne de Ayala e Paule Braudel. Paris : Éditions de Fallois (1997).
- _____. "Trois définitions: l'événement, le hasard, le social". In: BRAUDEL, Fernand. *Les ambitions de l'histoire*. Édition établie et présentée par Roselyne de Ayala e Paule Braudel. Paris: Éditions de Fallois, pp.27-50 (1997 [1941-44]).
- _____. "L'histoire à la recherche de monde". In: BRAUDEL, Fernand. *Les ambitions de l'histoire*. Édition établie et présentée par Roselyne de Ayala e Paule Braudel. Paris: Éditions de Fallois, pp.51-67 (1997a [1941-44]).
- _____. "Géohistoire: la société, l'espace et le temps". In: BRAUDEL, Fernand. *Les ambitions de l'histoire*. Édition établie et présentée par Roselyne de Ayala e Paule Braudel. Paris : Éditions de Fallois, pp.68-114 (1997b [1941-44]).
- _____. *Autour de la Méditerranée*. Édition établie et présentée par Roselyne de Ayala e Paule Braudel. Paris: Éditions de Fallois (1996).
- _____. *Reflexões sobre a História*. São Paulo: Martins Fontes (1992 [1990]).
- _____. *A Identidade da França: o Espaço e a História - Vol. 1*. São Paulo: Globo (1989 [1986]).
- _____. *A Identidade da França: os Homens e as Coisas - Vol. 2*. São Paulo: Globo (1989a [1986]).
- _____. *A Identidade da França: os Homens e as Coisas - Vol. 3*. São Paulo: Globo (1989b [1986]).
- _____. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII. Volume 2: Os Jogos das Trocas*. São Paulo: Martins Fontes (1996a [1979]).
- _____. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII. Volume 3: O Tempo do Mundo*. São Paulo: Martins Fontes (1996b [1979]).

_____. *Escritos sobre a História*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva (2005 [1969]).

_____. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII. Volume 1: As Estruturas do Cotidiano*. São Paulo: Martins Fontes (1996 [1967]).

_____. *Gramática das Civilizações*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes (2004 [1963]).

_____. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: Armand Colin (1949).

COMTE, Augusto. "Discurso sobre o espírito positivo". In: COMTE, Augusto. *Seleção de Textos*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, pp.42-94 (1983 [1844]).

DOSSE, François. "L'histoire sociale "à la française" à son apogée: Labrousse/Braudel". In: DELACROIX, Christian, DOSSE, François, GARCIA, Patrick. *Les courantes historiques en France – XIX-XX Siècles*. Paris: Armand Colin, pp.296-391 (1999).

_____. "O traje novo do presidente Braudel". In: LOPES, Marcos Antonio (org.). *Fernand Braudel: Tempo e História*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, pp.35-55 (2003 [1987]).

FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire*. Paris: Armand Colin (1992 [1965]).

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Paz e Terra (1995 [1994]).

KAYE, Harvey. *Los historiadores marxistas británicos. Un análisis introductorio*. Zaragoza: Prensas Universitarias (1989).

KONDER, Leandro. *A Questão da Ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras (2002).

LANGLOIS, Charles-Victor, SEIGNOBOS, Charles. *Introduction aux études historiques*. Paris: Kimé (1992 [1898]).

LIMA, Luís Corrêa. *Fernand Braudel e o Brasil: vivência e brasilianismo (1935-1945)*. São Paulo: Edusp (2009).

LLOYD, Christopher. *As Estruturas da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (1995 [1993]).

MAGER, Wolfgang. "La conception du capitalisme chez Braudel et Sombart". Convergences et divergences. In: REVEL, Jacques (présenté par). *Fernand Braudel et l'histoire*. Paris: Hachette, pp.137-148 (1999 [1990]).

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista. *Textos – Volume 3*. São Paulo: Edições Sociais, pp.21-47 (s/d [1848]).

_____. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Editora Moraes (s/d a [1846]).

MÉSZÁROS, István. “A quebra do encanto do “capital permanente universal””. In: MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital*. Campinas: Boitempo, pp.53-93 (2002).

MORINEAU, Michel. “Um grande projeto – Civilização Material, Economia e Capitalismo”. In: VÁRIOS. *Ler Braudel*. Campinas: Papyrus, pp.31-61 (1989 [1981]).

PARIS, Erato. *La genèse intellectuelle de l’oeuvre de Fernand Braudel*. Athènes: Institute de Recherches Néohelléniques/FNRS (1999).

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales — a Inovação em História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra (2000).

_____. *Nouvelle histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática (1994).

RIBEIRO, Guilherme. “Fernand Braudel e a geo-história das civilizações”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol.18, n.1, jan.-mar., pp. 67-83 (2011).

_____. “A valorização total do espaço: capitalismo e geografia em *Civilisation Matérielle, Économie et Capitalisme: XV-XVIII siècles*”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 24, n. 47, jan.-jun., pp.5-27 (2011a).

_____. “A originalidade historiográfica de “La Méditerranée et le monde méditerranéen à l’époque de Philippe II” e a concepção braudeliana de História”. *História da Historiografia* (UFOP), n. 4, pp.125-144 (2010).

_____. “Turbulência histórica e fertilidade intelectual: os Annales de Marc Bloch e Lucien Febvre”. *Anos 90*, v.17, pp.233-260 (2010a).

_____. “História, historiografia e identidade nacional: Fernand Braudel e o caso francês”. *Projeto História*, PUC-São Paulo, vol. 41, pp.93-123 (2010b).

_____. “Espaço, Tempo e Epistemologia no Século XX: a Geografia na obra de Fernand Braudel”. Niterói, Tese de Doutorado em Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense (2008).

SHAW, Carlos Martínez. Fernand Braudel: el cenit de la escuela de los Annales. *Revista de Occidente*, Fundación Ortega y Gasset, nº 152, enero, pp.65-80 (1994).

WALLERSTEIN, Immanuel. Le capitalisme de Braudel ou le monde à l'envers. In: REVEL, Jacques (présenté par). *Fernand Braudel et l'histoire*. Paris: Hachette, pp.149-161 (1999 [1991]).